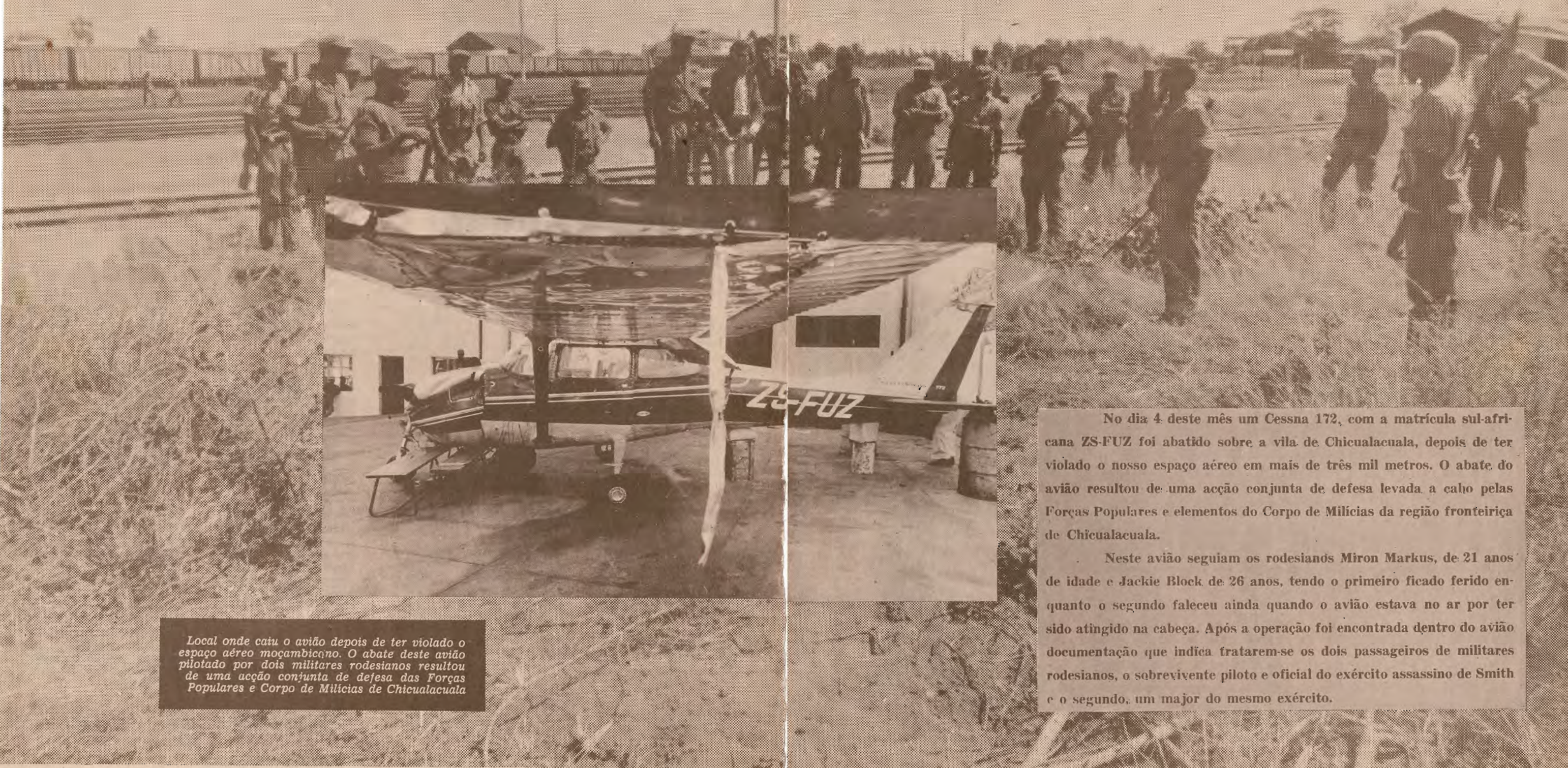


AO INIMIGO NÃO SE RESPONDE COM A BOCA

Airspace violation

RESPONDE-SE COM BALAS



Local onde caiu o avião depois de ter violado o espaço aéreo moçambicano. O abate deste avião pilotado por dois militares rodesianos resultou de uma acção conjunta de defesa das Forças Populares e Corpo de Milícias de Chicualacuala.

No dia 4 deste mês um Cessna 172, com a matrícula sul-africana ZS-FUZ foi abatido sobre a vila de Chicualacuala, depois de ter violado o nosso espaço aéreo em mais de três mil metros. O abate do avião resultou de uma acção conjunta de defesa levada a cabo pelas Forças Populares e elementos do Corpo de Milícias da região fronteiriça de Chicualacuala.

Neste avião seguiam os rodesianos Miron Markus, de 21 anos de idade e Jackie Block de 26 anos, tendo o primeiro ficado ferido enquanto o segundo faleceu ainda quando o avião estava no ar por ter sido atingido na cabeça. Após a operação foi encontrada dentro do avião documentação que indica tratarem-se os dois passageiros de militares rodesianos, o sobrevivente piloto e oficial do exército assassino de Smith e o segundo, um major do mesmo exército.



Mirage Muhocha, Comandante das FPLM em Chicualacuala: «Ao inimigo não se responde com a boca. Ao inimigo responde-se com balas»

No dia 3 de Março deste ano e numa declaração ao povo moçambicano e ao mundo, o Presidente Samora anunciou o encerramento das nossas fronteiras com a colónia britânica da Rodésia, proibiu qualquer forma de comunicação com o território dominado pelo regime racista, anunciando ainda o impedimento de passagem pelo nosso território e espaço aéreo de qualquer tráfego de pessoas e mercadorias em proveniência ou com destino à Rodésia do Sul. «A República Popular de Moçambique aplica integralmente as sanções à colónia britânica da Rodésia do Sul».

Estas medidas surgiram depois de uma longa série de provocações armadas contra Moçambique. Depois desta declaração o regime irresponsável de Smith voltou a agredir-nos: constantes violações da fronteira, ataque a Mapai e Chicualacuala, recrutamento de agentes para provocarem distúrbios entre a população, massacre de Nyazónia. Agora era um avião camuflado de civil, mas com mapas onde estava incluído o nosso território que «vinha pas-

sear à África do Sul», mas que se «enganou na rota» e entrou em Moçambique.

Chegamos a Chicualacuala no dia 9, depois de termos estado no dia anterior em Mapai. No caminho de Mapai para Chicualacuala (são 85 quilómetros que separam estas duas localidades) e à medida que nos aproximávamos da fronteira com a Rodésia notamos a forte mobilização popular — trabalhadores do Caminho de ferro operando com a arma às costas, mulheres acompanhadas por civis armados, eram as milícias populares.

Já em Chicualacuala pudemos falar com o comandante Mirage Muhocha, que nos daria os elementos da violação feita pelo avião vindo da Rodésia e do seu posterior abate.

«No dia 4 deste mês quando amanheceu e estávamos a verificar as nossas posições e ainda não tínhamos tomado chá, ouvimos um ruído de avião que vinha do lado de Vila Salazar (esta vila é rodésiana). Saimos e vimos o avião inimigo. Começamos a preparar-nos para dis-

parar sobre o avião. Eram quase dez horas».

Esta situação vivida às primeiras horas do dia 4 é a mesma que as Forças Populares têm vivido naquela localidade, de há alguns meses para cá. «Depois do ataque de Mapai, diz-nos Mirage Muhocha, esta é a quarta vez que os rodésianos fazem violações neste distrito. Primeiro quando houve aqui uma reunião com o chefe provincial. Segunda vez fizeram um ataque junto ao terceiro tanque (o comandante refere-se a um tanque de água) depois foi na localidade de Tanga e agora foi este avião».

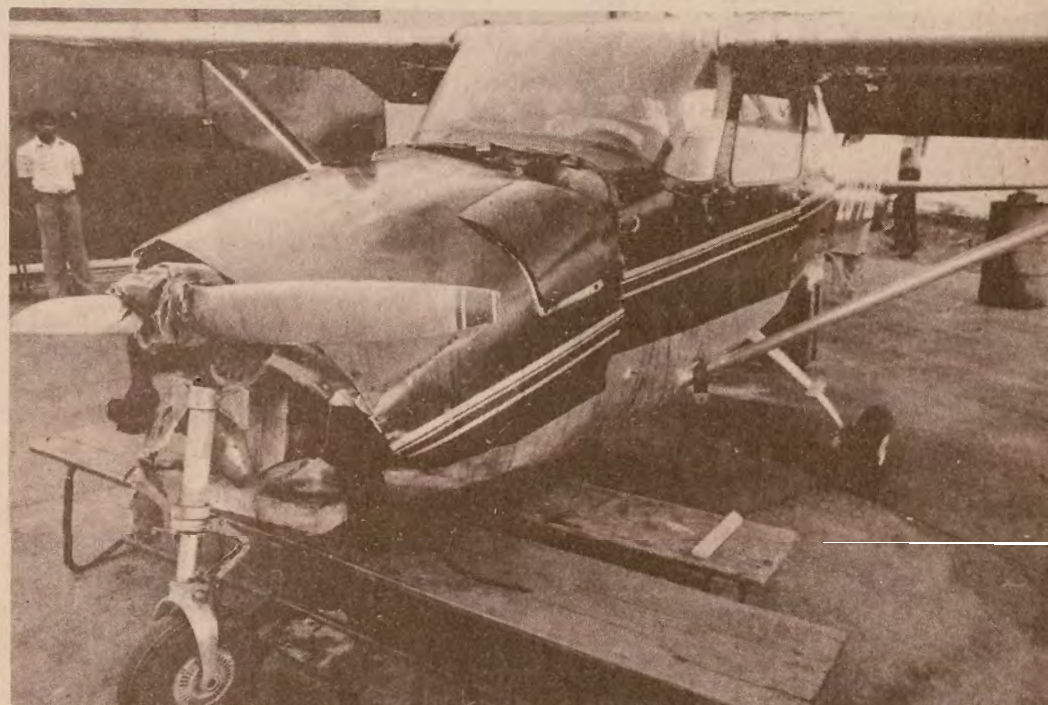
Para além destes ataques as provoca-



Casa da vila de Chicualacuala destruída por tiro de morteiro rodésiano. Este tipo de provocação armada é feita pelos rodésianos do seu território. Quase todas as casas em Chicualacuala têm buracos de balas rodésianas

nosso território já muitos camaradas estavam em posição». Só depois de estar bem dentro do nosso território então começou a ser alvo das armas das FPLM, e prossegue o Comandante Muhocha: «começou a apanhar balas e depois deu uma curva para voltar para a Rodésia».

A curva a que se refere o comandante de Chicualacuala foi dada depois de o avião ter sido atingido as primeiras vezes e ao que se supõe depois de um dos seus ocupantes ter sido atingido mortalmente. Nessa altura o avião já tinha entrado dentro do nosso território mais de 3 quilómetros e foi quando tentou regressar para a Rodésia.



O avião de matrícula sul-africana violou o espaço aéreo moçambicano em mais de três quilómetros. Miron Markus, o piloto do avião, encontra-se hospitalizado no hospital militar de Maputo



Em Chicualacuala existe um Corpo de Milícias formado por trabalhadores da linha dos Caminhos de Ferro e camponeses. Eles participaram no abate do avião. Na foto alguns elementos das milícias acompanhados pelo Comandante das FPLM e seu instrutor em Chicualacuala

ções da soldadesca de Smith é permanente. Ou fazem tiro de morteiro sobre as casas de Chicualacuala, entram no nosso território e cortam os fios do telefone, «disparam do lado deles contra as pessoas que passam do nosso lado», valendo-se da curta distância que separa Chicualacuala da fronteira — cerca de 700 metros.

ABATE DO AVIÃO

Assim que ouviram o barulho dos motores de um avião as forças Populares acompanhadas pelos elementos do Corpo de Milícias organizaram-se em posições de defesa. «Quando o avião entrou no

Na tentativa de regressar à sua origem, «disparamos e o avião começou a cair para o lado do campo de aviação, foi quando corremos para lá. O avião caiu no meio dos soldados», explica-nos Mirage Muhocha sobre a queda final.

Ainda na queda e pelo testemunho de alguns dos elementos que participaram no abate do Cessna 172, o piloto tentou levar a cabo uma aterragem de emergência no que foi bem sucedido, acabando no entanto e uma vez fora da pista por se virar o avião.

«Nós estamos na fronteira e quando vemos um avião que entra temos o direito de disparar. É por isso que estamos aqui» acabaria por nos dizer o Comandante de Chicualacuala.

ERAM MILITARES RODESIANOS

«Quando o avião já tinha caído encontramos um elemento que era o piloto do avião e quando o tiramos de lá, ele disse que o seu colega já tinha falecido. Perguntámos como é que tinha morrido e ele disse que ele tinha apanhado uma bala na cabeça quando o avião ainda estava no ar. Investigamos por que é que ele tinha violado a fronteira e ele respondeu que não sabia que aqui era Moçambique e que eles queriam ir para a África do Sul.

Soubemos em seguida que ambos os

passageiros do avião estavam vestidos à civil, não tendo consigo qualquer arma. No entanto, e segundo o Comandante Muocha, dentro do avião foram encontrados documentos comprovativos de que o piloto era oficial e o seu acompanhante major do exército de Smith. No avião existiam ainda diversos mapas de navegação aérea que incluíam vastas regiões do nosso território.

Neste sentido contactámos um piloto que nos esclareceu ser bastante difícil de se compreender como é que o piloto rodésiano não sabia estar a sobrevoar território moçambicano, uma vez que vinha a baixa altura, e portanto estaria a fazer navegação visual. Outro facto que põe



Abrigo antiaéreo em Chicualacuala. Quase todas as casas têm destes abrigos e as populações estavam a construir ainda mais acompanhados por continuadores. Nas cidades continuam a não ver-se abrigos...



Em Mapai a cantina destruída durante o ataque do dia 26 de Junho foi substituída por uma outra que já se encontra em funcionamento há quase um mês. As populações encontravam-se satisfeitas pela existência do Banco de Solidariedade e contribuem mensalmente para este fundo

dezenas de agressões semelhantes. «Ao inimigo ninguém responde com a boca. Ao inimigo é bom responder com balas», explicou-nos Mirage Muocha. Um elemento do povo dir-nos-ia por seu lado que ele gostaria de um dia poder ir «desde Moçambique até Angola sem ter de passar ao pé dos racistas».

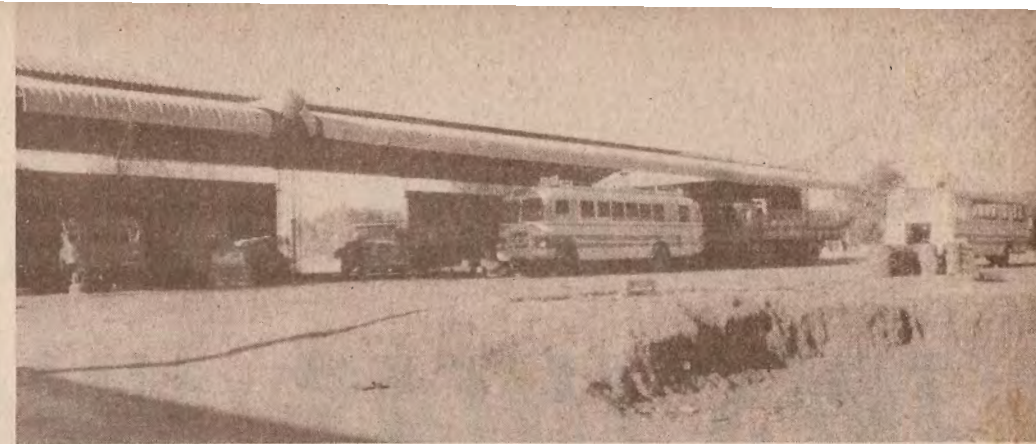
No dia anterior àquele em que estivemos em Chicualacuala, tivemos oportunidade de falar com algumas pessoas de Mapai-estação. Contaram-nos alguns aspectos do ataque a Mapai-vila, falaram-nos satisfeitos sobre o apoio que tinham recebido do Banco de Solidariedade. Vimos que a cantina bombardeada já tinha sido substituída por outra cantina onde as populações agora compram os produtos necessários para a sua vida. Também as carreiras que foram alvo de bombardeamento e de fogo posto no dia 26 de Junho já estão em funcionamento, e o hangar dos autocarros está a ser reconstruído. Abrigos anti-aéreos existem perto das casas, prevenindo qualquer nova incursão assassina.

A caminho de Chicualacuala (são 85 quilómetros de Mapai-estação àquela localidade fronteiriça), fomos encontrando aquela a que estamos habituados a ver nas cidades. Lembramo-nos, por exemplo, que nas cidades não existem quase nenhuns abrigos construídos, enquanto todos sabem que Smith pode levar a cabo um ataque a qualquer cidade a sul do rio Zambeze porque tem meios materiais para o fazer.

Estávamos para regressar de Chicualacuala, quando fomos informados que na manhã em que chegámos, tropas de Smith a pouco mais de um quilómetro da vila, tinham feito diversas provocações. Mesmo assim, o comboio continua a funcionar todos os dias fazendo transportes de pessoas. Todos os dias as Forças Populares apoiadas pelo Povo reconstróem a linha telefónica que a soldadesca de Smith corta, ou então repara os estragos feitos pelos tiros de morteiro do inimigo sobre a vila. Todos os meses aquela população se esforça por dar alguma coisa para o Banco de Solidariedade, mesmo vivendo uma situação de guerra que os obrigou a abandonar certas machambas junto à fronteira.

Dizer isto leva-nos obrigatoriamente a lembrar as desculpas dadas por muitos de que «não damos dinheiro para o Banco de Solidariedade porque isso não é para nós», ou então os que desculpam a não construção dos abrigos porque «a guerra é lá nas fronteiras».

Lembramo-nos ainda dos que subestimam Smith que ele não vai durar nada e por isso nem vale a pena preocuparmos-nos com a situação que se vive nas fron-



Os transportes N'gala, um dos principais alvos de destruição rodésiana no ataque a Mapai já se encontram em funcionamento e a gare também está reconstruída conforme se pode ver na foto



Ao fundo a fronteira com a colónia britânica da Rodésia. Na manhã em que estivemos em Chicualacuala o inimigo voltou a fazer provocações junto à nossa fronteira

teiras, até porque «já nem o próprio Vorster o quer apoiar».

Pergunta-se então como é que Smith tem sobrevivido este tempo todo, como é que têm funcionado os seus aviões, como é que ainda não acabaram as bombas que queimam diariamente populações camponesas indefesas... Que falta de unidade existe então entre Smith e Vorster, ou entre estes e os imperialistas, quando Smith cumpre um dos principais objectivos do imperialismo na África Austral e que é enfraquecer a base anti-imperialista moçambicana fazendo constantes ata-

ques ao nosso país. Não temos dúvidas de que, apesar da imprensa ocidental fazer crer que Smith até do Ocidente está isolado, o racista continua a ser fortemente apoiado nas suas agressões, e tudo indica que em último caso Smith será usado como o dispositivo que envolverá toda a África Austral num conflito generalizado.

Lembramo-nos mais uma vez que nas fronteiras o Povo já conhece o inimigo e que está preparado para o receber. Mas, nas cidades ainda não existem abrigos anti-aéreos. A guerra não é apenas nas fronteiras.